

A edição 42 da Revista *Literatura e Autoritarismo* disponibiliza aos seus leitores artigos que têm como objetos de análise diferentes formas narrativas, dentre as quais as distopias, em que o autoritarismo e a violência sobressaem. Ficções distópicas geralmente expõem cenários futuros e retratam uma ordem social opressora e ditatorial, motivo pelo qual autores como Ost¹, por exemplo, as consideram o avesso da utopia.² O primeiro artigo desta edição traz justamente a temática das distopias, também já contemplada em outras edições desta Revista, como no Dossiê intitulado “Resistência e Distopia”, publicado em 2019, com cinco contribuições sobre o assunto.³

Em *A distorção da verdade para a efetivação do distópico - Um retrato do Brasil recente*, Alana Maria Passos Barreto e Clara Cardoso Machado Jaborandy vinculam áreas do Direito e da Literatura para “analisar o uso da desinformação como mecanismo de controle na sociedade da informação, através da literatura distópica de 1984 (George Orwell), Nós (Yevgeny Zamyatin) e Fahrenheit 451 (Ray Bradbury).” As autoras procuram demonstrar “as semelhanças nos modos de vigilância para tentativa de controle social adotados nas distopias e na atual conjuntura política, social e jurídica brasileira com as realidades futurísticas expostas nos livros”.

Os textos desta edição também abordam outras formas narrativas, além da distopia, como a escrita de si, expressa em memórias, diários e testemunhos, e a metanarrativa, caso do segundo artigo desta edição, intitulado *As vozes narrativas e seus impactos em A fantástica vida breve de Oscar Wao, de Junot Díaz*. Nele, Amanda Bernardo Silveira e Adriana Carvalho Capuchinho analisam os elementos narrativos da obra do escritor dominicano para verificar “como o conceito metaficcional se

¹ OST, François. **Contar a lei**: as fontes do imaginário jurídico. Tradução de Paulo Neves. São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 373-382.

² O termo é detalhadamente explicado no *Dicionário de Política*, veja-se MAFFEY, Aldo. Verbete “Utopia”. In: BOBBIO, Norberto; GIANFRANCO, Pasquino; MATTEUCCI, Nicola (Orgs.). **Dicionário de política**. 2 vols. Tradução de Carmem C. Varriale et all. Coord. João Ferreira. 5. ed. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 1284-1290.

³ OURIQUE, J. L. P., & SANTOS, D. E. dos. (2019). Apresentação Dossiê Resistência e Distopia. *Literatura e Autoritarismo*, (22). <https://doi.org/10.5902/1679849X40045>. Acesso em: 19 dez. 2023.

aplica ao narrador e amigo de Oscar, Yuniór". Com base em estudos teóricos sobre o assunto, as articulistas consideram "os narradores Yuniór e Lola como sendo distintos" e observam "como suas posições refletem na construção do romance", procurando demonstrar que "o narrador Yuniór se encontra amparado nos pressupostos teóricos da metanarrativa" e, ainda, que "esse conceito metanarrativo é essencial na compreensão dos narradores no romance".

Pilar Roca Escalante propõe-se a analisar os contos "Vizcachas" e "Aballay", do escritor argentino Antonio di Benedetto (1922-1987), escritos na prisão durante a ditadura argentina (1976- 1984) e publicados na coletânea Absurdos (1978). Em seu artigo **Los absurdos de la literatura en Di Benedetto**, a autora discute a possibilidade de "caracterizar essa coleção de histórias como de uma tipologia semelhante à da Shoah, na qual seus autores assistem perplexos ao cancelamento do senso comum e da lógica para substituí-los por uma ideia obsessiva que questiona os princípios dos estados esclarecidos". Escalante conclui suas reflexões afirmando que "Los cuentos de Di Benedetto nacidos en la prisión de la dictadura militar expresan la perplejidad de quien espera encontrar mundos lógicos allá donde la lógica ha sido sustituida por una idea obsesiva."

Eliezer de Oliveira se propõe a "analisar os relatos sobre epidemias escritos por historiadores, cronistas e romancistas procurando perceber como descrevem o comportamento humano nessas situações". Em **O melhor e o pior de nós em tempo de epidemias: Diálogos entre História e Literatura**, o foco incide em autores clássicos da historiografia, como Tucídides, Boccaccio e Delumeau, e da literatura mundial, como Daniel Defoe, Albert Camus e José Saramago, os quais "ênfatizam um comportamento ético dicotômico, entre o bem e o mal". Entretanto, o artigo parte da hipótese de que "essa ênfase nos comportamentos extremados é um elemento retórico, decorrente do desejo de que as narrativas sobre epidemias sejam exemplares eticamente", o que "reforça a ideia de Hayden White de que os limites entre a história e a literatura não são intransponíveis."

A literatura infantil nazista como um instrumento político - entre Kamenetsky e Adorno, de Jean Machado Senhorinho, procura "caracterizar, histórica e teoricamente,

a literatura infantil nazista como um instrumento político de propaganda ideológica cujos efeitos não teriam se dado de maneira isolada e incondicional”. Para tanto, o artigo descreve a literatura infantil nazista e o ambiente em que ela proliferou “a partir da pesquisa histórica de Christa Kamenetsky”. Também atribui à literatura infantil nazista algumas características típicas da indústria cultural e da propaganda fascista “a partir da filosofia crítica de Theodor Adorno”, concluindo que a literatura infantil nazista “revela a complexidade envolvida na questão acerca dos efeitos morais e políticos da literatura”.

Em ***A memória e o esquecimento em O que os cegos estão sonhando? Com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)***, Elaine da Silva Alves de Almeida e Fabíola Simão Padilha Trefzger analisam “como uma geração que passou pela experiência traumática da Shoah foi afetada e como isso se refletiu em seus descendentes” com base na obra de Noemi Jaffe (2012). A obra contém o diário de Lili Jaffe, sobrevivente de Auschwitz, um conjunto de textos de Noemi, filha de Lili, intitulado *O que os cegos estão sonhando?* e o texto “Aqui, lá”, de Leda Cartum, neta da sobrevivente. O artigo destaca a composição da obra em três vozes, o que “permite analisar como as três gerações se relacionam com a memória e o esquecimento”.

A escrita constelar do fracasso, de Kleber Mazione Lima Ferreira, apresenta uma leitura da obra *A resistência* (2015), do escritor paulista Julián Fuks, a partir da qual analisa o “posicionamento do sujeito entre o relato de si e sua transformação fabular frente às memórias familiares”. O artigo insere-se “dentro da esfera da crítica biográfica” e conduz uma reflexão acerca da escrita do eu, verificando “como o termo autoficção, produto importado, tem ganhado trajetos escritos e estéticos na literatura contemporânea brasileira, em especial nas obras de fotografia familiar”.

Em ***Vestígios e rastros memoriais em Cinzas do Norte***, de Milton Hatoum, Sônia Pereira Dias analisa “por meio dos objetos trazidos ao longo do romance como cartas, fotografias, roupas, pinturas e o cheiro das coisas, que fazem com que o personagem Raimundo (Mundo) reative na memória lembranças de sua vida na Vila Amazônia

e da sua relação com o pai", os vestígios e rastros memoriais em *Cinzas do Norte*. Com aporte teórico dos estudos de Zilá Bernd, Elisa Amorim Vieira, Walter Benjamin e Aleida Assmann, entre outros, o artigo procura evidenciar que "os traumas vividos pelo personagem deixam rastros em si, sendo, pois, a dor, o trauma, os conflitos com o pai, produtos que lhe servem como propulsor do fenômeno artístico".

Alexandre Mariotto Botton, em ***Diário da queda de Michel Laub: o fragmento como condição de possibilidade para o narrador contemporâneo***, "parte de um paradoxo formulado por Theodor Adorno no ensaio 'A posição do narrador no romance contemporâneo'" segundo o qual haveria "um impasse entre a impossibilidade de narrar, que caracteriza o contemporâneo, e exigência de narração, necessária ao romance". Com base nesse paradoxo, o artigo estabelece "um contraponto entre o narrador rememorativo de *Em Busca do tempo perdido* de Marcel Proust e o narrar fragmentado de *O Diário da queda de Michel Laub*", e considera "o tecido fragmentário do romance de Laub como uma condição de possibilidade para o narrador contemporâneo".

Encerrando esta edição, disponibilizamos a entrevista intitulada ***Uma perspectiva geracional sobre as ditaduras latino-americanas: debate com a pesquisadora Vera Lúcia Follain de Figueiredo***, realizada por Sergio Schargel, Breno Neves e Marina Burdman. Referindo-se à produção da pesquisadora, os entrevistadores destacam que "Seu primeiro livro publicado, *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*, já se preocupava em desvelar temas sensíveis e caros à história sócio-política brasileira e latino-americana". Especificamente o tema da violência urbana estaria "dissecado em *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*, que, a partir da obra de Rubem Fonseca, trata também da questão dos gêneros literários, do corpo e das narrativas autobiográficas".

A equipe editorial da *Revista Literatura e Autoritarismo* agradece a confiança dos articulistas que submeteram seus textos e autorizaram sua publicação. Com a disponibilização desses artigos e a apresentação de reflexões baseadas em estudos de narrativas literárias que envolvem questões relacionadas ao autoritarismo e à

violência como elementos representativos da história, esperamos que os leitores desta edição possam entrar em um diálogo produtivo e trazer novas perspectivas de abordagens para as futuras edições da *Literatura e Autoritarismo*.

Rosani Ketzer Umbach